

vozes da memória

Rainer Maria Rilke
Kurt Tucholsky
Johann Peter Hebel
Jason Helmandollar
Punyakante Wijenaïke

Organização
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO
MARLENE HOLZHAUSEN

VOZES
DA MEMÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Assessor do Reitor

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Álves da Costa

Charbel Niño El Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria do Carmo Soares Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Patrocínio:

Desenbahia

Agência de Fomento do
Estado da Bahia S.A.



Apoio:



Rainer Maria Rilke
Kurt Tucholsky
Johann Peter Hebel
Jason Helmandollar
Punyakante Wijenaiké

*vozes da
memória*

Organização
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO
MARLENE HOLZHAUSEN

Salvador | Edufba | 2015

Tradução de “Gerações”, “Generationen”, de Rainer Maria Rilke; obra em domínio público. Tradução de “A Pulga”, “Der Floh”, de Kurt Tucholsky; obra em domínio público. Tradução de “Reencontro Inesperado”, “Unverhofftes Wiedersehen”, de Johann Peter Hebel; obra em domínio público. Direitos para esta edição de “Mergulho Profundo”, “The Backward Fall”, de Jason Helmandollar, cedidos a Sílvia Maria Guerra Anastácio. Feito o depósito legal. Direitos para esta edição de “Anoma”, “Anoma”, de Punyakante Wijenaïke, cedidos a José Newton de Seixas Pereira Filho. Feito o depósito legal. A edição em língua portuguesa é publicada pela Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma e por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de recuperação de armazenagem de informação sem a permissão da Editora da Universidade Federal da Bahia.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico

Alana Gonçalves de Carvalho Martins

Capa e editoração

Ruan Santos

Revisão

Magel Castilho de Carvalho

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Vozes da memória / organização Sílvia Maria Guerra Anastácio, Marlene Holzhausen.- Salvador: EDUFBA, 2015 .
46 p. : + 1 CD-ROM.

Audiolivro acessível em diversos formatos: versão interpretada por atores e outra em MECDAisy, para pessoas com deficiência visual.

ISBN 978-85-232-1311-4

1. Contos ingleses. 2. Contos alemães. I. Anastácio, Sílvia Maria Guerra.
II. Holzhausen, Marlene.

CDD - 823

833

Editora filiada à



Edufba

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina
40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164 | Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Apresentação

O audiolivro *Vozes da memória* apresenta diversos contos traduzidos do inglês e do alemão para o português e, posteriormente, adaptados para audiolivro. As histórias selecionadas, que abordam a temática da memória de diversas formas, são as seguintes: “Gerações”, de Rainer Maria Rilke; “A pulga”, de Kurt Tucholsky (Peter Panter); “Reencontro inesperado”, de Johann Peter Hebel; “Mergulho profundo”, de Jason Helmandollar; e “Anoma”, de Punyakante Wijenaiké. Os contos foram traduzidos por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Guerra Anastácio e tendo como vice-coordenadora a Prof.^a Dr.^a Marlene Holzhausen, organizadoras deste audiolivro. O Projeto tem como objetivo enriquecer o mercado de mídias sonoras com audiolivros produzidos a partir da publicação de obras literárias traduzidas para o português.

Este audiolivro encontra-se acessível em diversos formatos: além da versão impressa, contém também uma versão interpretada por atores e outra em MEC-Daisy, uma leitura “branca” preparada especialmente para os deficientes visuais.

Gerações

Tradução do conto *Generationen*

De Rainer Maria Rilke

Tradução

Marcos Antonio dos Santos

Revisão

Marlene Holzhausen

Personagens

Narrador

Local

Casa

Gerações

Narrador: *Os nossos cômodos cheiram a tomate na quinta-feira, a ganso assado no domingo, e a roupa lavada toda segunda-feira. Assim são os dias: do vermelho, da gordura, do sabão. Além disso, há ainda aqueles dias atrás da porta de vidro; ou na verdade um único dia de frio, seda e sândalo. A luz lá dentro é filtrada, delicada, prateada, calma; fuligem, tempestade, ruídos e moscas não entram como em todos os outros cômodos. E, no entanto, há entre eles apenas uma porta de vidro; mas ela é como vinte portões de bronze, ou como uma ponte, que não quer findar, ou como um rio com uma balsa instável de margem a margem.*

Raramente alguém atravessa a porta e reconhece pouco a pouco, ocultos no crepúsculo: acima do sofá, grandes, em molduras douradas, o avô, a avó. São retratos de meio busto, estreitos, ovais, mas ambos

soergueram suas mãos deixando-as visíveis, por mais cansativo que isso possa ter sido. Não teriam sido verdadeiros retratos sem estas mãos, atrás das quais levaram uma vida silenciosa e modesta, dia após dia. Estas mãos tiveram a vida e o trabalho, a nostalgia e a preocupação, foram jovens e corajosas e tornaram-se velhas e cansadas, enquanto eles próprios foram apenas piedosos, meros observadores respeitosos destes destinos. Seus semblantes permaneceram inertes em algum lugar longe da vida e não tinham nada para fazer, senão se tornarem pouco a pouco parecidos entre si. E nas molduras douradas acima do sofá eles parecem ser irmãos. Mas então, de repente, suas mãos dispostas à frente dos trajes dominicais pretos os traem.

Uma severa, tensa, dura diz: “Assim é a vida”. A outra, pálida, tímida, muito delicada, diz: “Sete filhos – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete filhos!” E certa vez o neto ali presente observa as mãos e pensa: essa mão é como o papai, e se referia àquela mão dura, cheia de calos. E diante da mão pálida, pensa: ela é como a mamãe. A semelhança é grande; e o garoto sabe que os pais não gostam de ser vistos assim; por isso raramente eles vem ao salão. Eles harmonizam com os cômodos, que tomados por uma luz penetrante na mudança dos dias, ora são

vermelhos de tomate, ora cheirama soda. Pois assim é a vida. E tudo isto fica marcado em suas feições como no passado nas mãos dos avós. São um par de mãos e atrás delas, nada mais.

Atrás da porta de vidro há pensamentos estranhos. Os espelhos enormes, opacos refletem infinitamente, como se tivessem de aprender isto de cor: o avô, a avó, o avô, a avó, o avô, a avó... E sobre a toalha de mesa de crochê os álbuns estão cheios deles: avô, avó, avô, avó. Naturalmente as cadeiras rígidas estão dispostas de modo cerimonioso: como se acabassem de ser apresentadas umas às outras e trocassem as primeiras palavras: “muito prazer”, ou: “pretende ficar muito tempo aqui?” ou algo assim cortês. E então elas se calam, dizem ao mesmo tempo: “por favor” quando a caixa de música começa: “plimplomplom, plimplomplom...”. Ela canta um minueto com sua voz fanada, fina. A canção paira por um momento sobre as coisas e depois infiltra-se nos vários espelhos escuros e repousa neles como prata nos lagos.

O neto está sentado em um canto e é como um quadro de van Dyck. Ele gostaria de se chamar assim, de modo que seu nome pudesse ser cantado na caixa de música, e de repente ele percebe... não são a luta,

nem a doença, nem as preocupações, ou o pão de cada dia e nem mesmo o dia de lavar roupa e todo resto que mora conosco lá fora nos cômodos apertados. A vida real é como esse “plimplomplom”... Ela pode dar e receber, tornar-te mendigo ou rei, às vezes pleno ou triste, mas não pode contorcer o rosto com receio ou com rancor e nem mesmo – perdoe-me, vovô – pode tornar as mãos duras e feias como as tuas.

Foi apenas um sentimento amplo e obscuro do garoto. Como um pano de fundo, diante do qual outros pequenos pensamentos infantis permaneciam como soldadinhos de chumbo. Mas ele percebeu isto, e quem sabe um dia posso vivenciá-lo.

A pulga

Tradução do conto *Der floh*
De Kurt Tucholsky (Peter Panter)

Tradução

Mário Augusto da Silva Santos

Adaptação

Raquel Borges Dias,
Anna Carolina de Alencar,
Mário Fausto de Oliveira Neto
e Flávio Azevêdo Ferrari

Personagens

Narrador

Local

Arredores da cidade de Nîmes,
ao sul da França

A pulga

Narrador: *Nos arredores da cidade de Nîmes e a Ponte do Gard, ao sul da França, havia uma agência de Correios, em que trabalhava uma funcionária... velha e solteirona, que tinha o péssimo costume de abrir as cartas que ali chegavam. Todo mundo sabia do seu mal costume. Na França, é terminantemente proibido abrir as correspondências dos outros, porque as portarias, os telefones e os correios são como instituições sagradas em que não se pode tocar. E aí, ninguém mexe mesmo. A solteirona lia as cartas e, com sua indiscrição causava muitos problemas na cidade.*

Naquele mesmo lugar, morava em um castelo um conde muito inteligente e ele teve uma ideia. Chamou ao castelo um funcionário do tribunal e, na sua presença, escreveu a um amigo: “Caro amigo! Eu sei que a funcionária dos Correios, Émilie Dupont,

costuma abrir e ler as nossas cartas porque é muito curiosa. Então, eu lhe envio, junto com a carta, uma pulga viva, para que a curiosa acabe com essa mania.”

A carta foi fechada pelo conde na presença do funcionário, mas nenhuma pulga foi colocada dentro do envelope. No entanto, quando a carta chegou ao seu destino, havia uma pulga lá dentro.

Reencontro inesperado

Tradução do conto *Unverhofftes
wiedersehen*

De Johann Peter Hebel

Tradução e roteiro

Davi de Almeida Pereira Filho
e Jael Glauce da Fonseca

Revisão

Sílvia Anastácio

Personagens

Narrador, Mineiro, Noiva, Padre

Local

Falun, na Suécia

Reencontro inesperado

Narrador: *Em Falun, na Suécia, beijavam-se um jovem mineiro e sua jovem e bela noiva.*

Mineiro: No Dia de Santa Lucia, nosso amor será abençoado pela mão do sacerdote. Então seremos marido e mulher e construiremos nosso próprio ninho de amor.

Noiva: A paz e o amor nele reinarão. Pois você é tudo para mim, e sem você eu prefiro estar num túmulo a estar em qualquer outro lugar.

Narrador: *Mas, antes do dia de Santa Lucia, quando o padre, pela segunda vez, os chamou à igreja, perguntou aos fiéis:*

Padre: Alguém tem algo a dizer que impeça a união desse casal?

Narrador: *Anunciou-se, então, a morte. Então, quando na manhã seguinte o jovem rapaz saiu de casa em seu traje negro de mineiro, vestido como sempre com sua mortalha, bateu como de costume à janela de sua noiva.*

Porém, nunca mais voltou para dizer boa noite. A cidade de Lisboa foi destruída por um terremoto, a Guerra dos Sete Anos entre a Inglaterra e a França e seus aliados chegou ao fim, o Imperador da Áustria Franz o Primeiro, morreu, a Ordem Jesuíta foi revogada, a Polônia dividida, a Imperatriz da Áustria Maria Theresa morreu, os Estados Unidos tornaram-se um país livre, a coligação entre França e Espanha não foi forte o suficiente para conquistar Gibraltar, os Turcos, na Hungria, encurralaram o General Stein na Caverna Veterani, o Imperador da Áustria, Joseph, também faleceu, o Rei da Suécia Gustavo conquistou a parte russa da Finlândia, a Revolução Francesa e sua longa guerra começaram, o Imperador da Áustria Leopoldo II também foi para o túmulo, Napoleão conquistou a Prússia, os ingleses bombardearam Copenhague, enquanto os lavradores semeavam, ceifavam, colhiam. O ferreiro martelava, e o moleiro moía, e os mineiros cavavam em busca de metais na mina.

No entanto, em Falun, antes ou depois do dia de São João, quando os mineiros iam começar a cavar uma abertura entre dois eixos, bem a uns trezentos metros do solo, eles avistaram o corpo de um jovem, completamente encharcado de sulfato de ferro. E quando o retiraram dos escombros e sulfatos ferrosos, viram que o corpo estava incorruptível e inalterado, o que permitia reconhecer facilmente sua feição e idade. Era como se tivesse falecido há uma hora ou como se tivesse adormecido enquanto trabalhava.

Porém quando o trouxeram à luz, não havia mais ninguém que pudesse reconhecê-lo, pai e mãe, parentes e conhecidos, há muito já haviam falecido, ninguém conhecia o jovem adormecido ou algo do seu infortúnio, até que apareceu a ex-noiva do mineiro, daquele que um dia saíra para trabalhar e nunca mais voltara.

Uma senhora grisalha e encurvada, chegou à praça, apoiando-se em uma bengala e logo reconheceu seu noivo. E demonstrando mais alegria do que dor, debruçou-se ao lado do corpo do amado. Então, quando se recuperou de uma longa e forte agitação emocional, disse:

Noiva: É o meu amado. Por quem sofri por cinquenta anos, e que Deus me permite ver mais uma vez, antes que eu mesma parta. Oito dias antes de nosso casamento, ele foi para debaixo da terra e nunca mais voltou.

Narrador: *Os corações de todos ao redor foram tomados de tristeza e lágrimas quando viram a ex-noiva, agora idosa e cheia de rugas, e o noivo ainda com sua beleza jovial. E também viram como, depois de cinquenta anos, a chama do amor da juventude mais uma vez despertara no peito da senhora. Mas o amado nunca mais abriria a boca para sorrir ou os olhos para reconhecê-la. Finalmente, ela solicitou aos mineiros que o levassem ao seu pequeno quarto, até seu jazigo estar preparado no cemitério, e os mineiros voltarem para buscá-lo sendo o jovem o único bem que a ela pertencia e sobre quem tinha direito. Então, abriu e retirou de uma caixinha o cachecol de seda negra com barra de listras vermelhas, colocou-o em volta do pescoço do amado e depois o acompanhou vestida em sua roupa dominical, como se fosse o dia de seu casamento e não do funeral de seu amado. Quando o colocaram no túmulo, ela disse:*

Noiva: Agora repouse um ou mais dez dias nesse frio leito nupcial, e não se aborreça meu querido. Resta-me pouco para fazer e eu já volto. Em breve, o dia renascerá. Aquilo que a terra concedeu mais uma vez, não irá pela segunda vez guardar.

Narrador: *Enquanto se afastava e o olhava mais uma vez.*

Mergulho profundo

Tradução do conto *The backward fall*

De Jason Helmandollar

Tradução e roteiro

Antonio Deodato Marques Leão

Revisão

Sílvia Maria Guerra Anastácio

e Raquel Borges Dias

Personagens

Mulher, Narrador, George

Local

Casa

Mergulho profundo

Mulher: *(Mulher cantarola a melodia de uma canção)*
Pai? Eu não consigo me lembrar as letras das minhas próprias músicas.

Narrador: *Há muitos anos, desde o nascimento do terceiro filho, ela o chamava de pai.*

Mulher: Não consigo lembrar do começo do segundo verso.

George: Bem, o que é que você estava cantando?

Mulher: Você não estava prestando atenção em mim. Há vinte minutos que tento cantar a mesma música.

George: Bem, vamos ver: Colhendo flores na chuva?

Narrador: *Ela sorri e dedilha o violão com um floreio.*

Efeito sonoro: *Som de violão.*

George: Acho que o segundo verso é quando começa a chover. Fala de gotas de chuva caindo sobre pétalas de flores.

Narrador: *Ela começa a tocar de novo, simples acordes num violão de madeira, e canta uma música. Uma música que escreveu quando era muito mais jovem. É a história de dois amantes andando num campo de flores silvestres. Uma chuva quente começa a cair e, em vez de correrem para se abrigar, colhem flores juntos e percebem que estão apaixonados.*

Narrador: *O tempo avança. Agora ela tem sessenta e quatro anos.*

George: O que é, mãe?

Narrador: *Passou a chama-la de mãe e odeia aquele olhar que vê no seu rosto com tanta frequência.*

Mulher: Esqueci o que queria.

Narrador: *Um olhar de medo, meio atordoado.*

George: Está tudo bem. Você vai lembrar.

Narrador: *Ela olha fixo para a frente. Há duas poltronas diante da tv, mas ela mal presta atenção. Após alguns instantes, vira a cabeça para ele.*

Mulher: O que vamos fazer quando eu não conseguir lembrar de mais nada? Se um dia eu acordar e tiver esquecido tudo?

Narrador: *Jorge vai até o outro lado da mesinha e carinhosamente segura a mão dela.*

George: Eu ajudo você a lembrar de tudo.

Narrador: *Ela sorri e aquele olhar de desespero desaparece. Acima da televisão, tem um aparador cheio de fotos. Toda a família, bisavós, avó, netos e bisnetos, todos sobre aquele aparador. Ignora a tv e olha fixo para as fotos.*

Efeito sonoro: *Som de TV ligada.*

Narrador: *Ela tem sessenta e cinco anos. Mas sua mente está retrocedendo, tem agora quarenta e oito.*

Mulher: Você encheu o tanque como eu pedi? Assim que chegar na estrada, não quero ter que parar para abastecer.

Narrador: *Por um momento, olha para ela, balança a cabeça, e se vira para a tv.*

Mulher: Você não vai responder?

George: Mãe, nem sei do que você está falando.

Mulher: Do tanque. Você encheu o tanque?

Efeito sonoro: *Som da TV abaixando.*

Narrador: *Ele tira o som do programa que está assistindo na tv sobre os povos antigos do Peru. Sempre quisera ver as ruínas incas de Machu Picchu. Mas há vários anos, já havia se conformado de não viajar até lá.*

George: Para que encher o tanque do carro? Nunca vamos a lugar nenhum, a não ser ao supermercado uma vez por semana.

Mulher: Às vezes, você fica tão chato. O Grand Canyon!

George: O Grand Canyon?

Mulher: Nós vamos lá amanhã.

George: Mãe, nós fomos ao Grand Canyon há mais de quinze anos atrás. Você não lembra?

Narrador: *Já ia abrindo a boca para corrigi-lo, mas, faz uma pausa, e seu olhar se perde no vazio, sem fixar coisa alguma.*

Mulher: Mas, eu...

Narrador: *O dedo se move para o lábio inferior. Ele a observa por um momento, e vê que o rosto dela não expressa qualquer emoção, qualquer vestígio de pensamento. Traz a mão dela para perto da sua e a aperta.*

Narrador: *De repente, é acordado por alguém que o sacode pelo ombro.*

George: O que é, mãe? Algum problema?

Mulher: Quero falar uma coisa.

Narrador: *Ela tem sessenta e sete anos. Sua mente, trinta e um. Ele senta e acende a luz.*

Efeito sonoro: *Som de interruptor.*

Mulher: Wendel me beijou na boca hoje.

George: Wendel?

Mulher: Estávamos almoçando juntos, já era um pouco tarde, e hoje ele me beijou.

Narrador: *George lembra dessa história. Foi há muitos anos atrás, na época em que ela trabalhou na fábrica, durante alguns meses para ajudar a comprar a primeira casa própria.*

Mulher: O problema, George, é que já tem um tempo que a gente não está bem. Parece que você já não se importa mais comigo.

George: Eu me importo com você.

Mulher: Você age como se não se importasse.

Narrador: *Naquela época, não agia como se, de fato, se importasse com ela. Por algum motivo, tinha passado a ignorá-la, a deixá-la de lado, sem ao menos perceber.*

Mulher: Aconteceu que houve uma época que tive uma queda por Wendel. Hoje, ele demonstrou que sente o mesmo por mim. Estou dizendo isso porque eu amo você. Eu só queria que você soubesse que há outros homens por aí que dariam tudo para ficar comigo e me tratar como eu mereço.

Narrador: *Foi muito arriscado. Ele poderia ter ficado com raiva, tê-la chamado de prostituta, podia ter ido embora. Arriscou o seu casamento só para ver a reação dele quando soubesse que tinha sido*

beijada por outro homem. E deu certo. Em vez de ficar bravo, ele a abraçou. Ele até mudou. E começou a ser gentil com ela novamente.

George: Eu vou mudar. Eu prometo.

Mulher: Do que é você está falando?

Narrador: *Ele olha para baixo e nota que os olhos dela estão fixos no relógio.*

Mulher: São quatro da manhã. O que é que você está fazendo acordado?

George: Não consigo dormir.

Mulher: Sei que você roubou meu anel. Onde está ele?

Narrador: *Os olhos dela estão pequenos, mas revelam excitação. Sua mente tem vinte e três, ela tem sessenta e oito anos.*

George: Não sei onde está, mãe.

Mulher: Mentiroso. Você deve ter escondido de novo.

George: Calma, vamos procurar.

Narrador: *Ela dá um berro e pega a fruteira. Erguendo os braços para proteger o rosto, ele diz:*

George: Por favor, não jogue em cima de mim, mãe.

Mulher: Pare de me chamar assim!

George: Não está me reconhecendo? Sou eu, George.

Mulher: Você não é o meu George.

George: Não é verdade.

Narrador: *Ela se cala por um momento, respirando com dificuldade. De repente, ela se vira e corre para fora da cozinha. Ele ouve a batida da porta da frente e sai correndo atrás dela, que vai porta afora. Há muito tempo que não corria tanto. Sentia como se o coração fosse estourar no peito. Finalmente, a convence de voltar para casa.*

Agora, tem dezesseis anos. O velho olha fixo para ela, que o ignora, como sempre. Ela tem coisas mais importantes para pensar do que naquele velho. George chega hoje. Sabe que vem para perguntar se quer namorar com ele. Já namorou sua irmã umas semanas, mas não deu em nada. A irmã dela é bonita, mas George não conseguia parar de olhar, por cima do ombro, para a irmã mais nova, de cabelo comprido e escuro. Hoje, ele vem só por causa dela. Ela vai para a varanda da frente e lá está ele, vindo dos pinheiros, de jeans e camiseta

branca, bem folgada; corpo magro, mas forte. O andar é rápido, as pernas um pouco tortas. Depois de algum tempo, olha para cima e ela lhe acena com a mão. Responde apenas com um movimento de cabeça. É orgulhoso demais para acenar de volta com as mãos, mas não tão orgulhoso a ponto de não colher um buquê de flores silvestres, que traz para ela. Aquelas flores fazem-na sorrir e, na sua imaginação, começa a juntar algumas palavras para compor uma música. Ela sabe, sem sombra de dúvida, que este é o homem que irá amar para o resto da vida.

Mulher: *Pobre velho, está senil, coitado. Mas é um bom homem.*

Narrador: *Os rostos estão todos ali, ao redor dela, agora, como se estivessem soltos no ar. Na sua mente, não há memórias, porque ainda é criança. Aqueles rostos lhe transmitem paz. Mesmo que não tenham nome, sabe que a amam, e ela também os ama. Um de cada vez, os rostos ficam bem na sua frente. Palavras desconhecidas vêm de lábios diferentes. Respira bem perto de cada rosto e isso a acalma. O último é um rosto que lhe parece familiar. A sua forma é familiar – sente uma textura áspera quando uma bochecha aperta a sua. Aquele rosto lhe*

dá segurança e percebe que ainda tem forças para voltar no tempo e mergulhar mais fundo, dentro de si mesma, uma última vez. Agora, está no útero, numa água morna, gostosa. Na água, não precisa respirar. Então, ela pára e de forma suave seus olhos se fecham. Finalmente, está tranquila.

Anoma

Tradução do conto *Anoma*

De Punyakante Wijenaïke

Tradução

Jeferson Santos do Socorro

Revisão

José Newton Pereira Filho,

Elizabeth Santos Ramos,

Adalton Santos da Silva,

Bruno de Almeida,

Diandra Sousa Santos,

Fernanda Pedrecal

e Millena de Paula Figueredo

Personagens

Menina Adolescente

Local

Casa

Anoma

Menina Adolescente: Tive uma ideia: Por que não te chamo Anoma? Assim, você vai ter uma identidade. Anoma... uma menina, minha amiga e confidente. Afinal de contas, estamos nisso juntas. Não é mesmo? Minha avó sempre pergunta por que fico falando sozinha...

Minha avó, minha líder espiritual, não sabe de sua existência. Converso com você porque só você pode entender a história dos bastidores de sua criação. Você ainda é um embrião, protegido pela natureza dos perigos daqui de fora. Quando eu falar, você vai ouvir. Mas não vou perturbar seu sono, do jeito que o meu já é perturbado. Você não será incomodada pelos meus próprios pesadelos. Você sente quando me viro e reviro na cama à noite? Infelizmente, eu não sou criança nem mulher.

Se eu fosse pequena, assim como você, um embrião encolhido no útero de minha mãe, não teria sido tocada por ninguém. Não teria necessidade de falar com ninguém. Tenho quatorze anos e sinto falta da minha mãe. Por que ela teve que ir embora? Foi atrás de um pote de ouro para nós. Será que o dinheiro era mais importante do que ficarmos juntas?

Lembro-me de mamãe antes de ela ir embora. Costumava pentear meu cabelo, lavar meu rosto e engomar o meu único uniforme da escola, tão branco... Agora eu não preciso mais do uniforme branco, pois não vou mais para escola. Meu irmão, sim, ele ainda vai. Tem onze anos, mas não sente falta da mamãe do mesmo jeito que eu sinto porque eu lavo seu uniforme e faço sua comida. Mas ele não olha no meu rosto, nem fala comigo. Isso machuca, mas eu sei por que ele me evita. Ele pensa que eu tomei o lugar de mamãe junto ao marido dela. E ele não chega perto do papai. Vovó, nossa líder espiritual, é meio cega e surda. Nunca pergunta por que não vou mais para a escola.

Pra ela, basta saber que estou em casa, ajudando a ralar côco ou moer pimenta. Você é a única pessoa com quem posso conversar, Anoma. Eu preciso falar com alguém. Sinto-me doente e fico com medo o tempo todo.

O que minha mãe vai dizer? O que vai fazer, quando descobrir? Preciso fazer alguma coisa antes que ela volte e descubra.

Durante o dia, meu pai não olha, nem chega perto de mim. É somente à noite, quando ele sente falta de mamãe, que me procura. Não pensa na minha solidão; somente na dele. Tenho notado que meu irmão também não dorme bem à noite. Toda noite nós ficamos com medo de papai chamar, e quase sempre ele cheira a álcool.

Vovó está muito velha pra tomar conta da casa. Mamãe devia ter deixado alguém mais nova para cuidar das coisas, como a irmã dela, minha tia; alguém que pudesse dar conta das necessidades de papai. Será que ela esqueceu as necessidades de papai? Sabe Anoma, não a incomodo porque me mandam, só quando preciso me comunicar. É só porque preciso chorar, conversar com alguém, quando não consigo dormir à noite. Afinal de contas, não é só o papai que precisa de aconchego. As necessidades dele são físicas, eu preciso desabafar.

Tenho certeza de que mamãe nunca desejou que isso acontecesse comigo; ela zelava pela minha castidade; queria que eu fosse virgem até ela voltar. Até onde eu me lembro, ela me protegia dos olhares dos homens

que me cobiçavam, não admitia a aproximação de papai ou do meu irmão até que eu parasse de sangrar.

Então, ela me banhava com baldes e baldes d'água que derramava na minha cabeça. Dava-me brincos de ouro e lavava minha roupa suja. É por isso que fico tão confusa, por que me deixou tão desprotegida depois de tanto cuidar de mim?

Foi esse tal pote de ouro, foi isso que nos arruinou, pois o mal tomou conta da nossa casa depois que ela partiu.

Não consigo me livrar do cheiro de roupa suja à noite; de meu pai e minha. Não importa o quanto eu me banhe com baldes d'água, não consigo me livrar desse cheiro imundo.

Anoma? Anoma? Onde está você? Está se escondendo de mim? Às vezes, parece... Parece que você não... Não está por perto, segura e aconchegada aqui dentro, me consolando; parece que quanto mais eu converso, mais você se afasta. Será que... Será que eu lhe magoei mesmo você estando no meu útero? É por isso que você fica assim, quietinha, imóvel dentro de mim?

Anoma, você me dá medo. É como se, de repente, você tivesse se revelado e começasse a desconfiar

de mim; você não é mais um embrião, uma ouvinte calada e compreensiva. Está me desafiando; escapuliu de sua concha protetora.

Está ferida e me acusa, faz perguntas, não é mais uma ouvinte silenciosa. Você pergunta: “Será que tenho futuro? Será que vou nascer ou você pode ver a minha destruição antes do meu nascimento?”

Anoma, você não está me dando tempo! Não está me dando tempo pra eu me entender no meio desta situação. Ao falar, você desperta a minha consciência. Isso é terrível. Eu me sinto... Eu me sinto traída. Destruída. Por que você não é apenas a minha ouvinte?

Por favor, entenda que eu não a gerei porque quis, o meu pai criou você dentro de mim. Você é filha dele, não minha! Preciso me tornar mulher e carregar o meu próprio filho, gerado por um homem que não seja o meu pai. Pronto, mais uma vez, eu a machuquei e confundi.

Você não pode mais ficar simplesmente calada dentro de mim. Você pergunta: “Eu vou nascer?” Como é que eu posso responder, Anoma? É a sua vida contra a minha. Se você nascer, eu vou morrer... De vergonha.

Ficha Técnica:

Gerações, A pulga, Reencontro inesperado,
Mergulho profundo, Anoma

Docentes:

Elizabeth Santos Ramos (Letras, UFBA)
Gideon Alves Rosa (Escola de Teatro, UFBA)
Jael Glauce da Fonseca (Letras, UFBA)
José Newton de Seixas Pereira Filho (Letras, UFBA)
Manoela Cristina Carreira Carvalho da Silva (Letras, UFBA)
Mário Augusto da Silva Santos (Letras, UFBA)
Marlene Holzhausen (Letras, UFBA)
Ramon Reverendo Santos (Escola de Teatro, UFBA)
Sílvia Maria Guerra Anastácio (Letras, UFBA)

Pesquisadores e atores:

Adalton Santos da Silva
Alana Verena Matos Silva
Ana Lopes
Ana Mariano
Andréa Lorena Macedo Machado
Anna Carolina de Alencar
Antonio Deodato Marques Leão
Bruna Scavuzzi Magno Baptista
Bruno de Almeida
Caroline Alves Matos da Silva
Cristiano Santos
Daniel Calibam
Davi de Almeida Pereira Filho
Diandra Sousa Santos
Elmir Mateus Pereira de Almeida Silva
Fernanda Correia Silva Rochinski
Fernanda Pinheiro Pedrecal
Flávio Azevêdo Ferrari
Francisco Vilares Pinheiro
Heraldo de Deus Borges
Jeferson Santos do Socorro
Juceilton da Paixão Dantas
Juma Almeida Brito
Leandro Pessoa Dantas da Silva
Leonardo da Hora Cruz
Lilian Rau
Lívia Bramont
Louise Conceição Pereira Tanajura
Luana Lise Carmo da Solidade

Luana Matos Teixeira de Almeida Rockenbach da Silva
Luciano Jocy Teixeira de Araújo
Luciano Munduruca Tayrovitch
Lucas Lacerda Góes
Lucila Vieira
Márcia Lima Gomes
Marcos Antonio dos Santos
Maria Eunice Bahia
Mariana Borges Matos Sousa
Mario Fausto de Oliveira Neto
Mateus Cezzar
Millena de Paula Figueredo
Monique Bastos de Meirelles
Nicholas de Oliveira Ponso
Patricia Freitas
Rafael Dourado Gama
Rafaela Bisinotto Gomes
Raquel Borges Dias
Ruy Titto Ninck Carteado Filho
Sandra Cristina Souza Correa
Saryne Rhayane Aquino da Cruz
Stanley Machado da Silveira Serravalle
Tássio Barreto Braga
Vera Santos Pessoa
Wendel Chaves de Jesus
Zeza Barral

Revisão de roteiro

Juceilton da Paixão Dantas, Nicholas de Oliveira Ponso,
Raquel Borges Dias, Saryne Rhayane Aquino da Cruz,
Stanley Machado da Silveira Serravalle, Susie Santos

Direção de atores

Sílvia Maria Guerra Anastácio, Marlene Holzhausen,
Ramon Reverendo Santos,
Anna Carolina de Alencar, Lucila Vieira

Técnicos de gravação

André Tiganá, Flávio Azevedo Ferrari, Leandro Pessoa Dantas da Silva,
Luciano Jocy Teixeira de Araújo, Mario Fausto de Oliveira Neto, Richard
Meyer, Tássio Barreto Braga

Gravação no Estúdio PRO.SOM, Instituto de Letras
da Universidade Federal da Bahia

Edição final do áudio
André Tiganá, Fernanda Sgroglia

Versão em MECDaisy
Raquel Borges Dias

COLOFÃO

Formato	<i>14 x 21 cm</i>
Tipologia	<i>Georgia 12/18</i>
Papel	<i>Reciclato 75 g/m² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m² (capa)</i>
Impressão	<i>EDUFBA</i>
Capa e Acabamento	<i>Gráfica Cian</i>
Tiragem	<i>400 exemplares</i>

